

Hora do conto: uma experiência maravilhosa

Jucelma Terezinha Neves Schneid
UPF

Todos apreciam uma boa história, mas muita pouca gente conhece o valor real dela. Muitos que a usam para diferentes fins, como entreter, despertar a atenção ou descansar a mente, ignoram que, mesmo quando usada com estes objetivos em vista, a história é um elemento poderoso na formação do caráter daqueles que a ouvem. [...] Podemos afirmar que o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos (CHAVES, 1963, p. 21).

Muitos são os motivos que nos levam a contar histórias: o clima de alegria e interesse que elas despertam. Vários também são seus objetivos, como: formar o gosto pela leitura, divertir e estimular o desenvolvimento da imaginação, atenção, observação, memória e reflexão. Ouvir a leitura de histórias leva os alunos a perceberem as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Com essa prática, constatamos que não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo. A arte de contar histórias ganhou uma conotação maior, como valoroso instrumento no processo educativo, devido ao seu aspecto lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia alternativa para se obter subsídios no redimensionamento dos trabalhos com crianças, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral.

Acreditando na importância do faz-de-conta, da fantasia, do encantamento da hora do conto para o desenvolvimento da criança é que proponho reavivar esta arte milenar no contexto de nossas escolas, através de momentos dedicados a contação de histórias.

Rompendo as barreiras do tempo

Há muitos e muitos anos, ainda quando a vida amanhecia no planeta, o Homem já narrava. Primeiro, falava de seu cotidiano: seus hábitos e seus revezes. Depois, em determinado momento, sentiu necessidade de dar conta de acontecimentos que escapavam a seu entendimento racional. Precisava encontrar explicações tanto para fenômenos da natureza quanto para o fato de ser quem era e estar onde estava. Assim concebeu então, um conto maravilhoso que, com seus elementos mágicos, explicava o que a razão desconhecia (CHEOLA, 2006, p.47).

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias era natural. Os mais velhos estavam sempre contando casos e lendas. Não se sabe precisar quando esse costume de contar histórias se instituiu como prática social, porém, pode-se afirmar que é bem antigo e de ordem universal. Tem-se notícia de que as primeiras narrativas constituíam-se em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo. Esses relatos eram relacionados ao sagrado e depois de muito tempo transformaram-se em mito e história. Do sagrado ao mítico foi um salto importante rumo ao conjunto complexo das várias narrativas como lendas, relatos maravilhosos, contos, narrativas heróicas que nos levaram a imergir num mundo mágico, fantástico e maravilhoso.

Da oralidade à escrita as histórias viajaram e permanecem, carregadas pelas palavras, magia e poeticidade, nos revelando um mundo de onde emerge o conhecimento da alma e do sentir.

Mas o costume foi se perdendo com a modernização, principalmente nos grandes centros. Nem todas as famílias mantiveram a tradição. Muitos pais da atual geração cresceram sem ouvir histórias, por isso convém perguntar: será possível que as pessoas se interessem em ouvir histórias lidas ou contadas ainda hoje?

Bem trabalhadas em todos os seus aspectos essas narrativas podem exercer o seu fascínio tanto na mente das crianças quanto dos adultos, concorrendo assim com os meios de comunicação mais modernos e sofisticados (CHEOLA, 2006, p.88).

Não há como negar a manutenção dessa herança em nossa sociedade, seja entre as crianças ou adultos, é sabido do prazer que é sentar em roda e

ouvir uma gostosa história. Elas são fontes maravilhosas de experiências. São meios de ampliar o horizonte da criança e de aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. É através do prazer ou emoções que as histórias lhes proporcionam, que o simbolismo, implícito nas tramas e personagens, vai agir em seu inconsciente. Ali atuando, ajudamos, pouco a pouco, a resolverem os conflitos interiores que normalmente vivem.

O texto literário, como obra de arte, exerce grande influência no desenvolvimento da humanidade, pois tratando da universalidade dos conflitos e sentimentos inerentes ao crescimento pessoal e compreensão do mundo, desempenha um papel libertador e transformador. Ouvindo histórias, crianças e adultos podem apresentar reações que manifestam seus interesses revelados ou inconscientes e conseguem vislumbrar nas narrativas, soluções que amenizam tensões e ansiedades.

Assim, além de acreditar no poder da história e na magia e atração que exerce o contador sobre seus ouvintes, muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser recreativa, educativa, instrutiva, afetiva (alargando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos) e também por estimular a socialização e desenvolver a atenção e a disciplina.

Uma história bem contada agrada a todos sem fazer distinção de idade. Adultos também se interessam por histórias. Se os adultos não gostassem de histórias as novelas não teriam tanto sucesso. Por que não contar uma história? Quando os adultos compreendem que as histórias não são só para divertir, pois acreditam que elas têm o poder de transfigurar o cotidiano, encontram nelas o mesmo encantamento percebido pelas crianças. Se abirmos os olhos veremos que a vida nos coloca frente a um repertório de histórias: a nossa história. Mesmo não percebendo, estamos sempre contando uma história. Narramos um fato acontecido conosco no dia-a-dia, com riqueza de detalhes. Às vezes, um capítulo de uma novela, uma notícia do jornal que foi lido, um fato que outra pessoa nos contou, enfim, somos contadores de histórias natos. Fantasia existe para quem quiser e souber vivê-la.

Uma proposta de incentivo à leitura

Acredito que um bom início para a formação do leitor seja o mergulho na escuta/leitura que podem ser experimentadas por meio da voz do contador de histórias ou pelas linhas desenhadas que correm soltas pelo papel. A contação de histórias é uma forma de fazer arte que faz com que as pessoas se sintam parte do espetáculo, interajam, sintam prazer em ouvir e, conseqüentemente de ler.

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos “[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre...” (ABRAMOVICH, 1993, p.17).

O ato de contar uma história, além de atividade lúdica, amplia a imaginação e ajuda a criança a organizar sua fala, através da coerência e da realidade. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas. Contar histórias é uma experiência de interação. Constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos. Os contos enriquecem nosso espírito, iluminam nosso interior e, ao mesmo tempo, nos tornam mais protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças.

O exercício de contar histórias possibilita debater importantes aspectos do dia-a-dia das crianças. Contar histórias é também uma forma de ensinar temas éticos e de cidadania e de propiciar um mundo imaginário que encanta a criança.

As histórias formam o gosto pela leitura. Quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura. A contação de histórias deve existir para que as crianças possam ser levadas ao texto original. Segundo Nelly Novaes Coelho (1993) nenhuma contação, por melhor que ela seja, pode substituir a leitura literária.

As histórias têm uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma forma capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente. Por isso, penso que a literatura tem de ser trabalhada, sobretudo na sala de aula, a fim de permitir ao leitor ou ouvinte viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação.

Diante da crise da leitura, faz-se necessário rever e questionar as nossas práticas, encontrando espaços para o sonho e a imaginação: é preciso voltar a ser criança e viajar nas asas da imaginação. Resgatar a tradição de contar histórias mais uma vez é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura. Ela nos leva a conhecer os infinitos mundos dentro e fora de nós e abre espaço para o pensamento mágico.

Atualmente, a tarefa de formar leitores está cada vez mais difícil, uma vez que tal tarefa está, pode-se afirmar quase restrita ao espaço escolar. Se a escola ainda é o espaço por excelência de contato com o material impresso e com a literatura em particular, cabe ao professor a função da interferência crítica diante do trabalho com a leitura. Ela é o campo fértil para se produzir e despertar o gosto pela leitura e se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, estimular o imaginário da criança através da hora do conto no âmbito escolar pode ser um bom começo.

Ouvir histórias é uma das lembranças que tenho da minha infância, proporcionadas por uma professora do ensino fundamental. Como era gostoso viajar pela imaginação! As histórias me cativavam e continuam a exercer seu poder em minha vida e, hoje, como professora de Literatura Infantil no Curso Normal, em uma escola pública, procuro despertar em minhas alunas (futuras professoras das séries iniciais) a necessidade de proporcionar às crianças estes momentos mágicos de ouvir histórias, lidas ou contadas, e de permitir-lhes que vivam na infância com a fantasia de seu mundo do faz-de-conta, através de processos lúdicos, como, por exemplo, a hora do conto.

Contando e encantando através da hora do conto

As escolas precisam revitalizar o hábito de contar histórias e o caminho para o resgate desta arte milenar deve começar pelos professores, pois são eles os contadores de histórias nas salas de aulas. A contadora de histórias Cléo Busatto, cuja obra *Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa* nos diz por que devemos contar histórias:

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o

coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

Com o objetivo de possibilitar às alunas do Curso Normal a prática de contar histórias, desenvolvo o projeto “A Hora do Conto” nas classes de aplicação em minha escola.¹ Dispomos de poucos recursos, entretanto as alunas confeccionam seus materiais para a “contação” de histórias. Temos também o acesso à biblioteca da escola para a seleção de livros e para a prática da Hora do Conto. Utilizamos materiais, dinâmicas e técnicas diversificadas. Procuramos variar os gêneros dos textos e na maioria das vezes, as histórias são lidas, pois muitas alunas não se sentem seguras em contar.

As alunas se preparam, ensaiam e conforme cronograma estabelecido anteriormente, uma dupla conta a história para uma turma específica. Elas são orientadas a conhecer bem a história a ser narrada, planejar antes de contá-la, contar com naturalidade e entusiasmo, saber como utilizar a expressão corporal, o ritmo, os gestos e, principalmente a entonação da voz, fazendo com que nesse momento a criança fique envolvida pela história.

Com a prática da hora do conto, todos saem ganhando, sejam as crianças, que são instigadas a imaginar e criar, seja as normalistas, que conseguem vivenciar esta experiência maravilhosa e constatar o quanto é gratificante ver o entusiasmo das crianças ao ouvir histórias lidas ou contadas.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

Acredito que a contação de histórias é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e que todo professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias sempre foi e sempre será importante, pois é uma forma de incorporar a arte à vida e encarar os livros como fonte de prazer.

¹ Colégio Estadual São Borja - CESB

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1993.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAVES, Otília O. *A arte de contar histórias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. Quem conta um conto. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de & MENDONÇA, Rosa Helena. (Org.) *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil – teoria, análise, didática*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.